



"Educação como prática de Liberdade":  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9763 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT24 - Educação e Arte

Usos e abusos das imagens no cotidiano escolar

Rodrigo Torres do Nascimento - UERJ/PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

**Resumo:** O universo das imagens visuais, das potências estéticas para além do acervo curricularmente autorizado na escola, ou seja, da Arte e Ciências outorgadas, têm uma relevante importância no cotidiano das escolas que atuam como professor de Artes Visuais. A História da Arte, ensinada e vista como conteúdo obrigatório sempre ocupa o espaço de representação oficial mas o plano visual que impera entre estudantes e professores, é o universo das imagens corpo, das imagens incomuns, inoportunas, imagens estranhas à escola oficial sujeitada ao currículo frio, mas nada estranhas às escolas encontro, as escolas dos estudantes, as escolas dos currículos efetivamente praticados e porosos aos coletivos aos quais se destinam e que, por eles, são aproveitados e ampliados. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

**Palavras-chave:** Escola; Cotidiano; Cultura visual; Imagens; Juventude.

As imagens, centrais nos campos teóricos nos quais apoia essa pesquisa, ou seja, a Cultura Visual, são absolutamente relevantes na Educação contemporânea, pois são instrumentos necessários ao diálogo e elucidação das visualidades que envolvem todos os processos e meios formativos. A imagem visual resulta do jogo entre a produção e o consumo das imagens, instâncias intercambiantes na medida em que toda percepção visual implica na fabricação do que é visto por aquele que o vê. A narrativa imagética enfrenta duas possibilidades: a sujeição do olhar que a encontra ou a sua reelaboração que muitas vezes pode implicar na dissolução radical de seu projeto original e o fracasso dos objetivos para os quais foi projetada. A profusão de imagens criadas circulantes para favorecer o mercado e impulsionar o consumo não pode ser menosprezada nem reduzida aos sentidos de suas formulações originais.

Talvez, nenhuma imagem tenha absoluta independência em relação aos olhos de seus interlocutores. Principalmente imagens que possam servir de entusiasmo para a encenação de sua reprodução. Nossa época é marcada por muitos fenômenos surpreendentes, mas, ainda vê repetir a mesma fórmula humana de criar a partir da mimese, ou seja, cada aparente criação traz em si a participação de múltiplas cópias e reconfigurações (WULF, 2013). Podemos perceber na rede o fôlego que uma aparente criação original oferece a tantos outros fins e mesmo à criação de novas imagens. Imagens estas que surgem para fortalecer certas posições e certos postulados, seja nas artes visuais, na arte da performance, na música e em toda manifestação humana individual nas quais se rebatem imposições desde a mais remota

ancestralidade. Em nossa época de virtualidade radical, não é diferente.

Para Fernando Hernández (2011), muitas pessoas consideram que a relação, principalmente dos jovens, com a cultura visual “(*entendida como o espaço de relação dos sujeitos com imagens e representações visuais*)” e popular os desvia do que se considera um “bom caminho” a ser seguido pela juventude. Em muitos ambientes educacionais, fala-se bastante sobre a má influência que a internet tem no dia a dia das crianças e adolescentes e que os celulares devem ser proibidos dentro das salas de aula.

Em minha pesquisa, percebi que é preciso ampliar as estratégias que fazem parte do acervo educacional (HERNÁNDEZ, 2011, p. 38), não ampliando apenas os objetos da Educação artística com a Cultura Popular, mas de modo a “favorecer a mudança de posicionamento dos sujeitos de maneira que passem a constituir-se de receptores ou leitores a visualizadores críticos”. É preciso quebrar as concepções hegemônicas sobre o que são manifestações e práticas artísticas e explorar outras visualidades, principalmente as que se encontram de forma tão efervescente no universo juvenil, para se responder também a questões que estão circulando entre eles.

(...) não seria a arte-educação tal como a entendemos na atualidade o que nos ajudaria a assumir esse desafio, mas a construção do diálogo com outros relatos dos percursos realizados para construir narrativas visuais que deem conta do processo de indagação que vem sendo levado a cabo... Desta maneira, uma proposta educativa a partir da cultura visual pode ajudar a contextualizar os efeitos do olhar e mediante práticas críticas (anticolonizadoras), explorar as experiências (efeitos, relações)... (idem, 2011, p. 44)

Hernández (2011) entende que o Ensino das Artes poderia propiciar “*situações e experiências nos quais se possa aprender a estabelecer vínculos entre imagens, objetos, artefatos relacionados com experiências culturais*” e relacioná-los “*com seus contextos de produção, distribuição e recepção, além de com as experiências dos sujeitos*”. Percebo, em minha prática como professor, que se faz necessário o intenso diálogo entre as imagens do currículo oficial e das culturas juvenis, mas muito além de um caminho que possa atrair o jovem para o que se entende como currículo oficial, é proporcionar outros olhares para suas próprias imagens e telas como importantes em outros espaços e contextos.

Busco aqui uma ampliação e um aprofundamento do conhecimento das culturas juvenis contemporâneas por meio de suas manifestações estéticovisuais que circulam e se destacam nos cotidianos escolares. A questão que deflagrou essa pesquisa foi o distanciamento entre os currículos oficiais e a produção de saberes criados e dinamizados pelos jovens. Saberes que seriam úteis e até indispensáveis à formação continuada que a vida nas escolas proporciona aos seus profissionais, sobretudo os docentes. Partindo-se do pressuposto que estar na escola é estar exposto ao aprendizado, vamos à escola atual ainda para aprender e ensinar, contudo, de muitas maneiras e meios para além do programa oficial.

As aprendizagens espalhadas pelos espaços e tempos escolares alcançam as redes sociais e na sua diversidade e pregnância têm densidade variável e podem resultar passivas e acríicas, erráticas e até invisíveis, contudo, se contempladas nas tramas curriculares por meio da escuta, atenção e experimentação as necessárias sistematizações e reflexão crítica, responsabilidade docente incontornável, não acontecem e ampliam as distâncias entre as vozes e escutas dos professores e estudantes, comprometendo, evidentemente, a atualização da formação e procedimentos docentes.

Ao longo da investigação, muitas práticas e criações juvenis surgiram portadoras de potência epistêmica, realizações estéticas que consolidam laços e abrigos identitários e para tanto implicam na criação de modos de estar no mundo e conduzi-los. Técnicas de comunicação, recurso a símbolos, referências visuais com audaciosa criatividade surgiam como percursos

existenciais, que entre outros parapeiros, conduziam os jovens às escolas, incluindo modos de criar outros espaços dentro do campo estratégico (CERTEAU, 1994) escolar. Cartografias de vidas ainda curtas amalgamaram espaços e tempos em trajetórias esteticamente afirmadas envolvendo corporeidade, vocabulários, sotaques e pronúncias, gestos e movimentos, expressões faciais, e sonoridades que, redundaram no espetáculo pessoal e coletivo de ambos os corpos.

Tomamos a visualidade como modo de ser e fruir a imagem resultante do cuidado de si (FOUCAULT, 2002) e da projeção dessa criação no mundo. Ou seja, como cada jovem edita as suas imagens pessoais e como cada uma dessas imagens funcionavam como parte vital das transitórias paisagens dos seus coletivos. Tais imagens, conforme a pesquisa pode constatar, eram indelindáveis se destacadas dos imaginários, das práticas linguísticas, dos afetos e demais identificações que unia seus praticantes e autores, sobretudo das preferências estéticas que as realidades juvenis açambarcam e produzem. Este entendimento levou a avançar no universo das preferências e referências estéticas e artísticas dos jovens. Entrar em contato com a circulação das imagens meio aos seus circuitos culturais desafiou conhecer suas potencialidades, os modos de fazer e apreciar as imagens para além das concepções e limites curriculares interiores e exteriores às escolas.

O entendimento aqui aplicado, é de que toda imagem produzida pelos/com os jovens colaboradores da pesquisa, os estudantes das escolas em que atuou, criadas muitas vezes de forma espontânea e aparentemente despreziosa, vez ou outra até evidenciaram contaminações por valores hegemônicos antagônicos aos seus coletivos de origem, assim como eram tocadas pelos pastiches fluentemente produzidos pelo mercado, contudo, sempre aportavam, ostensiva ou clandestinamente algum interesse de afirmação existencial, de rastro da irredutível presença sempre transformadora no mundo. Mundo de mundos transitórios, cuja volatilidade paradoxalmente favorece a densidade tática (CERTEAU, 1994) necessária em muitos momentos. Aludimos a uma determinada ordem de militância, um pouco do que Nicholas Mirzoeff (2015) aponta em sua obra *How to see the World* com o *visual activism*.

As minorias político culturais, reconhecendo ou não, considerando ou não, recorrem à força a cada dia menos dispensável das imagens em suas lutas. Expõem suas causas no limite do alcançável, que quase sempre reside nas ações cotidianas, nas quais os corpos são o mais frequente veículo disseminador. Já há alguns anos, afinidades e afeições culturais são representadas em produções domésticas modestas que acabam por conquistar repercussão Não imaginada ou pretendida por seus autores. Performances artísticas, brincadeiras, situações sociais diversas, tutoriais jogos são gravados e disponibilizados na rede. Muitos são rápida e eficazmente acessados por um número significativo cibernavegadores. Um jogo inimaginável de criações sobre criações é deflagrado e desfrutado de diversas formas nas práticas dialógicas que, conforme observamos, consolidam e caracterizam as nuances identitárias das novas gerações. Tal jogo evidencia, entre muitas significações, formas de luta e proteção solidária entre sujeitos aproximados pela mesma condição de risco ou vulnerabilidade.

Meio a intensidade e densidade da iconosfera (MITCHELL, 1986), majoritariamente dominada por imagens de indução ao consumo e à afasia política, a militância visual contemporânea se manifesta nos corpos dos indivíduos e em suas produções culturais e visuais, há alguns anos facilitada pela tecnologia de captação, edição e disseminação de imagens. O campo de batalha é a Cultura Visual, cuja conceituação mais objetiva compreende abarcando a diversidade do mundo das imagens, das representações visuais, dos processos de visualização e de modelos e padrões de visualidade. Mitchell, um dos seus mais importantes estudiosos recorre à expressão “*pictorial turn*” para se referir à discussão teórica à volta da imagem, devido à importância que passa a ter para a compreensão da cultura contemporânea

a partir das suas relações com as imagens visuais. Pois, a perspectiva da Cultura Visual se dá pelo interesse pelas construções culturais que partem e são permeadas pela experiência visual nas mídias, nas produções e representações imagéticas cotidianas, redes sociais, comportamentos, artes visuais, etc.. Referindo-se fundamentalmente à problemática decorrente das imagens visuais, seu volume, peso, produção e usos na atualidade e ao decorrente esforço à leitura, influências e demais jogos sociais das imagens e das construções imagéticas na realização da vida humana, a Cultura Visual é uma dimensão que envolve acontecimentos e meios de compreendê-los.

A importância de considerarmos os papéis e as performances da imagem visual e das visualidades é destacada ao longo dos últimos anos por vários estudiosos do campo complexo que envolve imagem visual, modos de aprendê-la, fazê-la circular, etc. como Mitchell (2003), para quem, os denominados Estudos Visuais referem-se ao campo de estudo da imagem visual, enquanto a denominada Cultura Visual seria o objeto de estudo. Esse campo que se confunde com seu objeto, sobretudo se tomados no fluxo desconstrutivista das propostas pós-qualitativas (LATHER, St. PIERRE, 2013) para a pesquisa dos cotidianos, surge polêmico também por buscar elucidar e criticar os atravessamentos da cultural visual não só na vida cotidiana, mas, também nas escolas, nas artes, na mídia e etc. considerando e buscando dimensionar sua significação em muitos âmbitos da formação social. Assim a Cultura Visual, conforme Mirzoeff (2015), deveria centralmente se ocupar criticamente das relações entre a imagem, suas produções e apropriações na atualidade global, na medida em que seria a interface entre as disciplinas nas quais as visualidades são elementos indispensáveis.

#### Referências:

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, 2002.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*, 3: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

\_\_\_\_\_. *Os anormais*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2013.

HERNÁNDEZ, Fernando. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Org.). *Educação da cultura visual: conceitos e contextos*. Santa Maria: Editora UFSM, 2011.

MAFFESOLI, Michel. *L'ombre de Dionysos*. Contribution à une sociologie de l'orgie. Paris: Méridiens, 1982.

\_\_\_\_\_. *A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MIRZOEFF, Nicholas. *How to see the world: an introduction to images, from self-portraits to selfies, maps to movies, and more*. Nova Iorque: Basic Books, 2015.

MITCHELL, William John Thomas. *Nature and Convention: Gombrich's Illusions*, in *Iconology: Image, Text, Ideology*. Chicago: University of Chicago Press, 1986.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *Currículos praticados: regulação e emancipação no cotidiano escolar*. 2003. Disponível em: . Acesso em: 07 jan. 2020.

\_\_\_\_\_. Reflexões acerca da organização curricular e das práticas pedagógicas na EJA. *Educar*, n. 29, p. 83-100, 2007.

LATHER, Patti.; St. PIERRE, Elizabeth Adams. Post-qualitative research. *International Journal of qualitative studies in education*, v.26, n.6, p.629-633, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: EXO Experimental/Editora 34; 2005.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1999.

TAYLOR, Roger L.. *Arte inimiga do povo*. São Paulo, SP: Conrad, 2006.

WULF, Christoph. *Homo Pictor: imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado*. São Paulo: Hedra, 2013.